

ESTÁCIO, *AQUILEIDA*, I.318-337

APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO



PÚBLIO PAPÍLIO ESTÁCIO

DANIEL DA SILVA MOREIRA (TRADUTOR)

Resumo: Este texto apresenta e contextualiza uma tradução versificada de uma importante passagem do primeiro livro da *Aquileida* (*Achilleis*), de Públio Papínio Estácio, poeta romano do século I d.C.

Palavras-chave: Estácio; *Aquileida*; poesia épica; tradução.

Abstract: This text presents and contextualizes a versified translation of an important passage from the first book of the *Achilleid*, by Publius Papinius Statius, a Roman poet from the first century a.D.

Keywords: Statius; *Achilleid*; epic poetry; translation.

A *Aquileida* (*Achilleis*), de Públio Papínio Estácio (45-95 d.C.), é um poema épico inacabado que narraria toda a vida do herói Aquiles, desde sua infância até sua morte na guerra de Tróia. Interrompida em seu segundo livro pela morte do poeta e ocupando hoje um lugar um tanto obscuro na literatura latina, a *Aquileida* nos oferece uma visão alternativa e instigante do mito de Aquiles. Se, como é creditado a Virgílio dizer, seria “mais fácil arrancar a clava das mãos de Hércules do que roubar um só verso a Homero”, pode-se compreender o caráter alternativo desse perfil do herói, uma vez que, no mundo antigo, não seria aconselhável competir diretamente com o irretocável retrato homérico de Aquiles em todo seu orgulho, obstinação, ira e piedade (HESLIN, 2005, p. XI).

O poema tal como o possuímos, em seus 1127 versos, narra apenas dois episódios da vida de Aquiles que não aparecem na *Ilíada*: sua infância sob os cuidados do centauro Quíron e sua estada como um desertor *travestido* na ilha de Esquiro. Sabendo que seu filho morreria no curso da guerra de Tróia, a nereida Tétis retira Aquiles da companhia de Quíron e leva-o para a corte de Licomedes, o rei de Esquiro, que não possuía filhos homens. Para garantir sua permanência e sua segurança, Tétis pede ao filho que se vista com roupas femininas. Ele resiste, mas acaba aceitando, principalmente porque vê Deidâmia, a bela filha do rei. Tétis então

veste-o, instrui-o no comportamento feminino e apresenta-o a Licomedes como sendo a irmã de Aquiles.

O episódio da *Aquileida* que aqui destaco e apresento em tradução (Livro I, versos 318 a 337) refere-se ao momento em que o herói finalmente aceita a proposta da nereida, que então passa a ensinar a ele sobre como uma mulher deve se comportar. A fala de Tétis é um pequeno manual de boas-maneiras femininas que se encaixa bastante bem dentro do conjunto de regras que se espera de uma mulher romana – obviamente que não de qualquer mulher, mas das patrícias, as mesmas que serão personagens da poesia amorosa romana, que também vai tecer o mesmo horizonte (quase impraticável!) de expectativa comportamental.

Em *The Transvestite Achilles, Gender and Genre in Statius' Achilleid*, P. J. Heslin toca num ponto fundamental para a leitura e compreensão desse processo de transformação que Tétis impõe a Aquiles:

Houve um tempo em que Estácio não era a figura obscura que ele é hoje; na Idade Média, o autor gozava de um lugar central no cânone da literatura clássica. Era conhecido sobretudo como o autor da *Tebaida*, uma cruel e extravagantemente sangrenta versão do mito dos Sete contra Tebas. A *Aquileida* era também bastante conhecida, não apenas como um trabalho menor de um grande autor, mas em seu próprio direito como um texto escolar corrente. É fácil perceber as qualidades que devem ter recomendado esse texto aos professores medievais: é um texto breve e bem humorado de um grande autor, que apresenta os estudantes a uma importante língua e a um importante metro ao mesmo tempo que a alguns grandes personagens da mitologia; também descreve a educação exemplar do jovem Aquiles, sua afeição por seu professor, Quíron, e sua obediência à sua mãe. (HESLIN, 2005, p. XIII, tradução minha)¹

Do que diz Heslin, gostaria de insistir no aspecto profundamente didático e, talvez seja até o caso de se dizer, moralizador da epopeia. A autora fala de sua utilização como texto escolar na Idade Média, mas devemos lembrar que, segundo a tradição nos conta, é justamente através da via escolar que a epopeia entra em Roma, com a tradução de Lívio Andrônico da *Odisseia*, sob a alegada motivação de não haver textos em latim propícios ao estudo da língua (CONTE, 1994, p. 40). Assim, proponho pensar no discurso épico romano como tendo sido *consumido*, desde sua gênese, também num meio didático, em que se presta como um discurso exemplar no plano linguístico, e que atua ainda como formador de futuros cidadãos romanos, ensinando desde cedo a eles os princípios morais segundo os quais deveriam governar suas vidas e, principalmente, as vidas daqueles que estavam sob seu domínio – mulheres, escravos, clientes, etc. É possível pensar na *Aquileida*, ao menos em parte, como criadora de um certo horizonte de expectativa com relação ao *ser mulher* na sociedade romana do primeiro século de nossa era. O discurso de instrução para o comportamento feminino em público, feito por Tétis no primeiro canto, pode então ser lido como ponto de partida para pensar as representações do papel da mulher na sociedade romana.

¹ No original: “Once upon a time, Statius was not the obscure figure he is today; in the Middle Ages, he enjoyed a central place in the canon of classical literature. He was known mainly as the author of his epic *Thebaid*, a grim and extravagantly bloody telling of the tale of the Seven against Thebes. The *Achilleid* was also well known, not only as the minor work of a major author, but also in its own right as a standard school text. It is easy to see the qualities that must have recommended it to medieval teachers: it is a brief and lighthearted text by a major author, which introduces students to an important idiom and meter along with some major characters from mythology; it also describes the exemplary education of the young Achilles, his affection for his teacher, Chiron, and his obedience to his mother.”

Traduzir a *Aquileida*

O primeiro passo para uma futura tradução integral da *Aquileida* seria, a meu ver, experimentar as possibilidades tradutórias para a transposição do hexâmetro – o verso épico por excelência na literatura antiga – para o português. Opto, no presente exercício, por empregar aquela que muito provavelmente seria a opção mais óbvia, a do verso decassílabo, o verso utilizado no mais importante poema épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, e, conseqüentemente, em grande parte das empreitadas épicas brasileiras e portuguesas, é o verso que foi notabilizado como sendo o épico por excelência. Busquei aplicar ao decassílabo, sempre que possível, o ritmo mais comum à poesia épica, o chamado decassílabo heroico, com acento na 6ª e na 10ª sílabas (versos 319, 327, 332, 333, 335 e 336). Utilizei ainda o chamado pentâmetro iâmbico, também com acento na 6ª e na 10ª sílabas, mas com acentos suplementares na 2ª, 4ª e 8ª sílabas (versos 320, 322, 330 e 337). Fiz uso do decassílabo provençal, caracterizado pelo acento na 4ª, 7ª e 10ª sílabas (versos 323, 324, 325, 328, 329, 331 e 334). Em duas ocasiões (versos 318 e 326) lancei mão do decassílabo sáfico, com acento na 4ª, na 8ª e na 10ª sílabas. Por fim, no verso 321, utilizei uma opção não tão comum, de acentuar a 5ª e a 10ª sílabas, mas ainda verificável na poesia de língua portuguesa.

A opção por traduzir cada hexâmetro por um decassílabo apresenta, contudo, alguns obstáculos. Considerando-se as possíveis combinações entre longas e breves no interior do verso hexâmetro datílico latino, seria possível chegar a uma variação entre 13 e 17 sílabas, tal como poderiam ser contadas fora da poesia. É claro que, na versificação em português, também há a possibilidade de fazer a elisão vocálica, mas é raro que a utilização desse recurso ocorra muitas vezes no interior do mesmo verso a ponto de chegar a compreender tantas sílabas quanto o hexâmetro. Some-se a isso o caráter sintético do latim clássico, que exprime funções sintáticas através de desinências, não possui artigos, utiliza poucas preposições e, sobretudo na poesia, adota uma ampla liberdade para a ordem de palavras, uma grande oposição em relação ao caráter analítico da língua portuguesa. A consequência imediata de ter adotado um verso tão curto se comparado ao da língua de partida é que foi preciso empregar, várias vezes, a elipse de palavras do texto latino. Foi o que fiz, por exemplo, ao omitir *arrepto*, no verso 318, *gelida* e *iugis*, no 321, e *imago*, no 334. Além disso, a tradução dos versos 335 a 337 está mais livre que todo o resto, procedimento motivado pela necessidade de compactar o texto ao máximo na passagem para o português. A obrigação de fazer tais *sacrifícios* advinda da escolha do verso decassílabo me fazem concluir que talvez, em empreitada futura, devesse adotar um novo tipo de verso, quem sabe o alexandrino. De todo modo, apresento a seguir o resultado que obtive até o momento, que, a despeito de todos seus possíveis problemas, ainda é provavelmente a primeira tradução de um excerto da *Aquileida* publicada em português – ou ao menos foi o que indicou a pesquisa que venho fazendo sobre o poema de Estácio.

Original e tradução

*Occupat arrepto iam conscia tempore mater:
 “Hasne inter simulare choros et bracchia ludo
 nectere, nate, graue est? Gelida quid tale sub Ossa 320
 Peliacisque iugis? O si mihi iungere curas
 atque alium portare sinu contingat Achillen!”
 Mulcetur laetumque rubet uisusque proteruos
 obliquat uestesque manu leuiore repellit.
 Aspicit ambiguum genetrix cogique uolentem 325
 iniecitque sinus; tum colla rigentia mollit
 submittitque graues umeros et fortia laxat
 bracchia et inpexos certo domat ordine crines
 ac sua dilecta ceruice monilia transfert;
 et picturato cohibens uestigia limbo 330
 incessum motumque docet fandique pudorem.
 Qualiter artifici uicturae pollice cerae
 accipiunt formas ignemque manumque sequuntur,
 talis erat diuae natum mutantis imago.
 Nec luctata diu; superest nam plurimus illi 335
 inuita uirtute decor, fallitque tuentes
 ambiguus tenuique latens discrimine sexus.*

A mãe, já cúmplice, aproveita o ensejo:
 “Filho, é tão grave entre elas fingir danças
 e os braços dar num jogo? Tal não há 320
 sob o Ossa² e no Pélion³? Quisera amores
 unir e ter no seio um outro Aquiles!”
 Sossega e ledó enrubesce e a audaz vista
 disfarça e mais brando as vestes repele.
 Vendo-o a mãe, dúbio e a querer ser forçado, 325
 lança-lhe a túnica, e assim solta o rígido
 colo e o grave ombro abaixa e afrouxa os fortes
 braços e doma os cabelos revoltos
 e a ele passa os colares diletos;
 contendo os passos dele à barra ornada, 330
 instrui-lhe o andar e o pudor ao falar.
 Como as ceras pelo hábil dedo ganham
 vida e formas, seguindo a mão e o fogo,
 tal era a deusa mudando seu filho.
 Pouco lutou, pois ele guarda, avessa 335
 à força viril, graça extrema; e o sexo
 ambíguo engana e o oculta em tênue traço.

² O Ossa (atual Kissavos) é um monte situado na região de Larissa (Tessália, Grécia), na costa da Magnésia, entre o Pélion e o Olimpo. Na mitologia, os gigantes Oto e Efialtes tentaram escalar o Olimpo e, para isso, empilharam um sobre o outro o Pélion e o Ossa.

³ O Pélion é uma montanha na parte sudeste da Tessália, na Grécia central. Na mitologia, é no Pélion a morada dos centauros, especialmente de Quíron, o preceptor de Aquiles.

Daniel da Silva Moreira
moreiradsm@gmail.com

Doutorando em Letras – Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora

Fonte: STACE. *Achilléide. Texte établi et traduit par Jean Méheust.*
Paris: Les Belles Lettres, 2003. P. 20-21.

Referências bibliográficas

- CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- HESLIN, P.J. *The Transvestite Achilles. Gender and Genre in Statius' Achilleid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Benvirá, 2010.
- STACE. *Achilléide*. Texte établi et traduit par Jean Méheust. Paris: Les Belles Lettres, 2003.